

Um combate cultural de fundo para vencer a decadência na Europa

VÍTOR LUÍS RODRIGUES

Ao contrário do que pressupõe o oitocentismo romântico, os factores essenciais do nosso comportamento, da agressão à hierarquia gerada pela desigualdade natural e pela territorialidade, não são o resultado das vicissitudes históricas ou de qualquer “ideologia dominante” inculcada pela sociedade, como pretendem liberais e marxistas... Eles sempre estiveram pré-inscritos no mais profundo do nosso ser.



Por sua vez a Cultura, no seu sentido antropológico, pode interferir, positiva ou negativamente no domínio do comportamento. Em limite, a Cultura pode ajudar a preservar ou a destruir a nossa biologia. E está a ser manipulada contra a Vida!

A Civilização não está “nos Genes”, por assim dizer. É na Cultura – no sentido antropológico do termo – e a partir dela que a Civilização nasce e se vai desenvolvendo durante centenas ou milhares de anos de interacção com o meio, com as ameaças e as respostas bem sucedidas aos desafios, que gradualmente formam

a sua “base de dados” transmitida pela educação, familiar e contextual – bem ou não. Trata-se do conjunto dos tipos de comportamentos, de carácter, de crenças e “soluções” de que se reveste uma dada raça, tipo ou subtipo bio-genético, na sua existência, desde os mais simples elementos até às mais complexas construções, como a língua, a base da organização político-social ou a própria “concepção do Mundo”. Entre “Cultura”, no sentido antropológico, e “Civilização” há apenas uma diferença de escala. Uma Cultura mais complexa e abrangente na sua implantação no

espaço físico normalmente gera uma organização mais avançada – e cria as grandes cidades – daí o termo “Civilização”, do Latim ‘civitas’ (cidade).

Do ‘kuduro’ afro-angolano a uma sinfonia clássica europeia vai uma distância estrutural imensa, que pode ser medida e graduada segundo a complexidade dos elementos envolvidos. Há, de facto – neste sentido, que é decisivo para uma sociologia político-cultural – culturas “superiores” e “inferiores”, e as primeiras tendem a dominar globalmente. Mas existem sempre “subculturas” regionais e locais que podem divergir do

enquadramento histórico orgânico. As “inferiores” podem, não obstante, sobrepor-se parcialmente às “superiores” em certas circunstâncias favoráveis. Se tivermos de viver no deserto do Kalahari teremos toda a conveniência em aprender com os bosquímanos... Nós, os europeus civilizados, como a nossa experiência portuguesa nos ensinou, sabemos que as respostas funcionais são múltiplas e estamos sempre a aprender, como Damião de Góis, Garcia de Orta, Darwin, Livingstone, James Cook ou Serpa Pinto...

Porém, de uma forma tragica-

mente homogeneizante, as “culturas suburbanas”, iguais em toda a parte do “mundo moderno”, estão a sobrepor-se às culturas nacionais de uma forma que as descaracteriza e, até, ameaça. Esse é, aliás, um dos eixos de ataque do sistema mundialista à nossa integridade existencial. A Cultura é sempre, em última análise o factor imediato decisivo no modo de ser de um dado grupo humano, seja de que dimensão for. E, claro, é precisamente por aí que os Interesses mundiais dominantes estão a actuar, directa e indirectamente.

Muito a propósito, António Marques Bessa, um irreverente Professor Catedrático do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) e, não por acaso, um dos grandes divulgadores das implicações da Etoologia na vertente político-cultural, não hesitou em identificar a importância da Cultura como plano decisivo para a nossa “conservação” ou “neutralização”, num texto fundamental que hoje circula na Internet: “Na verdade, é na Cultura que enraíza a estrutura dos valores, o carácter nacional, os gostos e as tendências, o modo de conceber o mundo e a vida. É uma herança cumulativa, como a caracterizou Lorenz, formada por todo o equipamento material e espiritual que a sociedade possui, e com o qual responde aos desafios internos (crises) e externos (naturais e sociais).

A Cultura é, por conseguinte, aquilo que de mais precioso tem um Povo ou uma Etnia. É, por um lado, o traço que o distingue dos outros povos, com costumes e mundividências distintas, e, por outro, a característica do processo de hominização. Embora os animais tenham tradições, inventem técnicas e comuniquem processos por mecanismos de difusão social, não possuem uma tradição cumulativa, quer dizer, as invenções e os conhecimentos não se conservam porque não há possibilidade de os acumular.” ■